

A NEGAÇÃO VERBAL NO PORTUGUÊS GUINEENSE: UM ESTUDO SOB A PERSPECTIVA DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

THE VERBAL DENIAL IN GUINEANS PORTUGUESE: A STUDY FROM THE PERSPECTIVE OF SOCIOLINGUISTIC VARIATIONIST

Sadjo GOMES¹

Resumo: O presente trabalho trata da variação entre a negação pré-verbal e a dupla negação no português guineense, a partir de dados de fala de 20 informantes, extraídos de *Corpus Variação e Processamento da Fala e do Discurso: Análises e Aplicações (PROFALA)*, da Universidade Federal de Ceará (UFC), e tem o objetivo de verificar a frequência de uso das variantes e os condicionamentos que as influenciam. Para esta pesquisa, usamos como suporte teórico-metodológico da sociolinguística variacionista (LABOV, 2008 [1972]) e seus seguidores, que consideram o sistema linguístico como heterogêneo, variável e sistematizável, condicionado por fatores de ordem linguística e social. Os resultados apontam que a negação pré-verbal é mais frequente que a dupla negação, com percentuais de 87,4% e 12,6%, respectivamente. A negação pré-verbal mostrou-se mais frequente na presença dos seguintes fatores: orações subordinadas, construções perifrásticas, verbos dinâmicos e sujeito explícito. A dupla negação é mais frequente na co-ocorrência com seguintes fatores: tempo futuro, sexo feminino e a permanência do informante no país por mais de seis meses.

Palavras-chave: Negação Verbal. Português Guineense. Análise Variacionista.

Abstract: The present work deals with the variation of pre-verbal and double variation in Guineans Portuguese from the speech's data of 20 informants, extracted in the corpus variation, voice processing and speech: Analyzes and applications (PROFALA), of the Federal University of Ceará (UFC), with the goal of verifying the frequency of use of the variants and the influences that influence them. For this research, we use as theoretical-methodological support of the sociolinguistic variationist (LABOV, 2008 [1972]) and his followers, who consider the linguistic system as heterogeneous, variable and systematized, conditioned by linguistic order and social factors. The results indicate that pre-verbal denial is more frequent than double denial, with percentages of 87,4% and 12,6%, respectively. Pre-verbal denial was more frequent in the presence of the following factors: subordinate clauses, periphrastic constructs, dynamic verbs, and explicit subject. The double negation is more frequent in the co-occurrence with the following factors: future time, female sex and the stay of the informant in the country for more than six months.

Keywords: Verbal Denial. Guineans Portuguese. Variationist Analysis.

¹ Graduando em Letras. Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Redenção-Ceará. sadjogomes@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A negação é um fenômeno comum em todas as línguas, o que são diferentes, são as formas de realização em uma língua e outra língua. Em português, existem três estratégias de negar uma sentença: a negação pré-verbal, a dupla negação e a negação pós-verbal. Levando-se isso em consideração, o presente trabalho tem por objetivo investigar a variação no uso das negativas sentenciais no português guineense, para se verificar qual estratégia é a mais frequente e quais são os condicionadores dessa frequência. Estudaremos apenas o comportamento variável da negação pré-verbal e dupla negação, consideradas como a conservadora e a inovadora, nos termos de Tarallo (2005), já que não encontramos dados da negação pós-verbal nos *corpus* analisado.

O objetivo maior deste trabalho é investigar a atuação de fatores linguísticos e extralinguísticos sobre o uso da dupla negação em co-ocorrência com a negação pré-verbal. Para isso, selecionamos uma amostra de fala constituído de 20 informantes, extraídos de *corpus* (PROFALA) Variação e Processamento da Fala e do Discurso: Análises e Aplicações da Universidade Federal de Ceará (UFC) e testamos a atuação de fatores linguísticos (tipos de oração, estrutura do verbo, tipo de verbo, tempo verbal e o tipo de sujeito) e extralinguísticos (sexo e tempo de permanência do informante no país).

Acreditamos que esta investigação é de suma importância e contribuirá para as discussões significativas não somente no que tange variação e mudança linguística no português guineense, mas também para as discussões realizadas sobre o fenômeno em estudo. Até o término desta pesquisa, desconhecemos qualquer outro trabalho realizado sobre a negação verbal no português guineense, com base em dados de fala.

Além desta introdução e das considerações finais, este trabalho está dividido em quatro seções: na primeira seção, fizemos, resumidamente,

um panorama acerca do surgimento da sociolinguística e de seus pressupostos teóricos; na segunda seção, trazemos alguns pontos principais que marcam a compreensão do fenômeno da negação nos estudos variacionistas desenvolvidos no Brasil; na terceira seção, delineamos os procedimentos metodológicos percorridos e, por fim, na quarta seção, apresentamos e discutimos os resultados obtidos na análises dos dados.

UM BREVE PANORAMA DA SOCIOLINGUÍSTICA

A sociolinguística trata da relação entre linguagem e a sociedade. Como tal relação é inseparável, podemos dizer que ela estuda o comportamento linguístico e o social, ambos entendidos como estruturados, heterogêneos e sistemáticos.

Embora essa relação esteja imbricada, com o surgimento da Linguística como ciência, a partir das contribuições de Ferdinand de Saussure e, conseqüentemente, o surgimento do estruturalismo linguístico, essa relação ficou em segundo plano, já que, para Saussure, a língua, enquanto sistema, deveria ser estudada em si mesma e por ela mesma. De acordo com Alkmin (2007),

A linguística do século XX teve um papel decisivo na questão da consideração da relação linguagem-sociedade: é esta que se encarrega de excluir toda consideração de natureza social, histórica e cultural na observação, descrição, análise e interpretação do fenômeno linguístico (ALKMIN, 2007, p.23).

A Sociolinguística surge em contraposição a tendência estruturalista, que tratava a língua como um sistema homogêneo, desconsiderando as influências externas, isto é, não levava em conta a relação entre linguagem e a sociedade. Apesar de considerarem a língua como fenômeno social, Saussure e seus seguidores não privilegiaram o estudo da língua em seu uso, mas a língua enquanto sistema sincrônico e

estável. Nessa visão, a variação e a mudança da língua não são contempladas ou são delegadas ao escopo da variação livre.

No decorrer do século XX, precisamente a partir dos anos 1930, o estudo da linguagem em contexto social tornou-se um vasto campo e ganhou a adesão de muitos estudiosos, inclusive alguns da corrente estruturalista. Somente em 1964, o termo Sociolinguística se fixou, através de um congresso organizado por William Bright, da universidade de Califórnia, que contou com a participação de alguns estudiosos que, mais tarde, tornaram-se referências desta área de estudo. Esses pesquisadores buscaram relacionar e articular a linguagem com aspectos de ordem cultural e social. Dentre esses pesquisadores, destaca-se William Labov, que, em 1963, deu início ao modelo de pesquisa denominado “teoria variacionista”, pelo qual não se pode examinar as questões da linguagem fora do contexto social, já que, para a solução de problemas próprios da teoria da linguagem, a relação entre língua e sociedade deve ser encarada como ponto mais focal e indispensável.

Conforme Camacho (2007, p.50), “o papel de um sociolinguista é fazer um estudo das variações existentes no meio social, para que possa encontrar as respostas para os problemas da variação existente ao sistema linguístico”. Do mesmo modo, Cezario e Votre (2008 *apud* Moreira, 2015, p. 188) ressaltam que:

O sociolinguista se interessa por todas as manifestações verbais nas diferentes variedades de uma língua. Um de seus objetivos é entender quais são os principais fatores que motivam a variação linguística, e qual a importância de cada um desses fatores na configuração do quadro que se apresenta variável. O estudo procura verificar o grau de estabilidade de um fenômeno, se está em seu início, ou se completou uma trajetória que aponta para mudança. (MOREIRA, 2015, p. 188).

Segundo Fischer (1958 *apud* Rubio, 2012, p.68), a tarefa da sociolinguística é “apresentar de forma visível e clara a covariação sistemática das variações linguísticas e social e ao mesmo tempo uma relação causal em uma ou outra direção”.

Para a Sociolinguística, a língua tem um papel fundamental na sociedade, na medida que ajuda os indivíduos a se inserirem na sociedade e na interação comunicativa, e reflete em sua estrutura a estrutura da sociedade. Ao ressaltar essa ideia, Alkmin (2007) afirma que:

Linguagem e sociedade estão ligadas entre si de modo inquestionável. Mais do que isso, podemos afirmar que essa relação é a base da constituição do ser humano. A história da humanidade é a história de seres organizados em sociedades e detentores de um sistema de comunicação oral, ou seja, de uma língua. Efetivamente, a relação entre linguagem e sociedade não é posta em dúvida por ninguém, e não deveria estar ausente, portanto, das reflexões sobre o fenômeno linguístico (ALKMIN, 2007, p.21).

Ao conceber a relação entre linguagem e sociedade, a Sociolinguística parte do princípio de que em toda e qualquer comunidade linguística existem as formas em variação, isto é, nenhuma língua é homogênea, por isso, sempre é representada por um conjunto de variedades, em que existem uma ou mais formas de se dizer a mesma coisa. Essas formas em variação estão sujeitas a mudanças, embora nem toda variação implique mudança linguística, toda mudança implica variação.

De acordo com Tarallo (2005, p.8), variantes linguísticas “são, portanto, diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto, e com o mesmo valor de verdade”. Nessa perspectiva, Camacho (*apud* Alkmin 2007), afirma que:

Os falantes adequam suas formas de expressão às finalidades específicas de seu ato enunciativo, sendo que tal adequação “decorre de uma seleção dentre o conjunto de formas que constitui o saber linguístico individual, de um modo mais ou menos consciente. (CAMACHO, 2007 *apud* ALKMIN, 2007, p.38).

Por isso, é natural que uma língua apresente as formas variáveis como sendo um pressuposto fundamental. Numa comunidade de falantes, sempre haverá a diversidade linguística, ou seja, é um facto observável em qualquer comunidade de fala. Por isso, a Sociolinguística encara essa diversidade não como um problema, mas sim, como uma qualidade

constitutiva do fenômeno linguístico. Para Alkmin (2007, p.42), “as diferenças linguísticas, observáveis nas comunidades em geral, são vistas como um dado inerente ao fenômeno linguístico”.

Para Labov (1972 *apud* Rubio, 2012, p.68), “ o fenômeno variável da língua não deve ser tratado como uma coisa espontânea, mas, sim, como uma característica das línguas naturais”, já que envolve o uso alternante de diferentes formas para repassar o mesmo conteúdo informativo. Assim, a Sociolinguística Variacionista estuda a variação linguística existente dentro da comunidade de fala, entendendo a estrutura social e a estrutura linguística como variáveis e heterogêneas. Este trabalho, seguindo os pressupostos da Sociolinguística Variacionista, ocupa-se das diferentes formas de negar uma sentença, tendo em vista a posição variável do advérbio de negação na sentença.

A NEGAÇÃO VERBAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Nessa seção, apresentaremos, de maneira resumida, alguns estudos que tomaram como foco o fenômeno da negação no Português. Segundo Neves (2011), a negação

É uma operação atuante no nível sintático-semântico (no interior do enunciado), bem como no nível pragmático. É um processo fundador de sentido, agindo como instrumento de interação dotado de intencionalidade. A negação é, além disso, um recurso argumentativo (ou contra argumentativo). Merece observação o fato de que o elemento *NÃO*, além de operador de negação, de uma oração ou de um constituinte, pode funcionar, sozinho, com o estatuto de enunciado negativo, como antônimo de *SIM*, especialmente em contextos de resposta a interrogativas gerais, isto é, interrogativas cuja resposta é exatamente do tipo *SIM/NÃO*. (NEVES, 2011. p. 285).

Em se tratando da operação pragmática de negação, Neves (2011) ressalva que o mais comum é a negação predicativa, mas que, do ponto de vista pragmático, podemos lhe denominar de descritiva. A linguista afirma que, na situação de interação linguística, a negação é muito

importante para fins comunicativos, em que é amplamente usada, por exemplo, para negar crenças esperadas pelo ouvinte em contextos nos quais a afirmativa correspondente foi suposta. Dessa forma:

Quando o falante compõe um enunciado negativo, ele indica ter mais suposições sobre o conhecimento do ouvinte do que quando compõe um enunciado afirmativo. A partir daí, do ponto de vista comunicativo, pode-se dizer que os enunciados negativos não são empregados primeiramente para expressar informação nova, mas sim para assentar uma manifestação acerca de informações já expressas, ou supostas na interação linguística. (MOURA NEVES, 2011, p.329).

Segundo Schwenter (2005 apud Rocha, 2013, p.1), "o português brasileiro é uma das únicas línguas românicas que apresenta três estruturas de negação, que se diferenciam quanto à posição que o advérbio "não" ocupa em relação ao verbo na sentença", constituindo-se um dos fenômenos em variação do português brasileiro que tem despertado o interesse de vários estudos de norte a sul do país, tais como: REIMANN; YACOVENCO (2011); SANTANA; NASCIMENTO (2011); ROCHA (2013); FLORES (2011); SERRA (2018); SANTOS; ARAÚJO e PEREIRA (2018); e SANTOS (2016). Entre os vários trabalhos, de diferentes autores que abordaram sobre o assunto, fizemos um recorte para representar um número significativo na nossa pesquisa, a maioria dos quais foi realizada nas regiões nordeste e sudeste do país.

Reimann; Yacovenco (2011) estudaram a negação no português falado em Vitória/ES, a partir do viés da sociolinguística variacionista, considerando as três estratégias possíveis de negação presentes no português brasileiro, com o foco em dupla negação, a partir dos dados de 8 informantes e dos seguintes grupos de fatores: estrutura da sentença, gênero e faixa etária. Conforme as autoras, a dupla negação é um fenômeno que, ao longo do tempo, vem ganhando mais espaço na fala cotidiana.

Os resultados dessa pesquisa demonstraram que a dupla negação é utilizada com certa frequência na fala dos indivíduos capixabas, com percentual de 22,1%; a negação canônica apresenta 73,6% e a pós-

verbal, a mais restrita, teve percentual de 4,3%, num total de 979 dados analisados. Dentre os fatores condicionadores, a estrutura da sentença, gênero e faixa etária são mais condicionadores dentre as variantes pré-verbal e a dupla negação. Os homens são os que mais empregam a dupla negação, cujo percentual foi de 33,9%, em detrimento das mulheres, com percentual de 20,9%.

Santana; Nascimento (2011) também investigaram as negativas sentenciais, a partir do português falado em Matinha/ BA, comunidade de município de Feira de Santana, sob o viés sociolinguístico, dando ênfase às partículas **não** e **nem**, e à dupla negação como foco da pesquisa. De acordo com os autores, os grupos de fatores linguísticos e extralinguísticos mais relevantes foram: tipos de oração, tipo de verbo, tipo de sujeito e uso da TV. Entretanto, os resultados apontam que, no total de 541 ocorrências, a negação pré-verbal teve 78% de emprego, seguida da dupla negação com 20% e, por último, a negação pós-verbal com 2%.

Quanto ao contexto oracional, a oração absoluta favorece o uso da dupla negação, com 32%, fazendo funcionar a resposta de forma mais direta. Os verbos que possuem carga semântico-lexical de ação/movimento/processo/evento apresentaram um percentual de 25% e são mais favoráveis também para utilização de dupla negação. No que concerne à pessoa do discurso, a 2ª pessoa foi a que mais favoreceu a ocorrência de dupla negação. Para a variável social, os autores verificaram que a dupla negação configura-se como estratégia mais presente entre os informantes que pouco ou raramente assistem televisão, com um percentual de 36%.

Já Rocha (2013) pesquisou a dupla negação no português paulistano, também na perspectiva da sociolinguística variacionista, a partir de dados de fala de 48 entrevistas, considerando condicionamentos sociais (sexo/gênero, faixa etária e a escolaridade) e

linguísticos (ativação da proposição, presença ou ausência de marcador conversacional no enunciado, tipo de verbo, tipo de sentença, tipo de constituinte pós-verbal, tipo de sujeito, entre outros). Na pesquisa de Rocha (2013), a negação pré-verbal se apresentou 5.279 ocorrências (94%); a dupla negação 324 (5,8%); e a negação pós-verbal apresentou apenas 4 ocorrências (0,2%) e foi desconsiderada nas rodadas estatísticas.

FLORES (2011) estudou a variação entre dupla negação e a negação canônica (pré-verbal) no português falado no Distrito Federal, a partir de dois tipos distintos de levantamento de dados: observação participante, em que a coleta de dados do fenômeno ocorre em situações reais de fala em diferentes espaços sociais; e entrevistas com falantes nativos do Distrito Federal, divididos em dois grupos: 1º grupo de falantes com nível superior e 2º grupo de falantes sem nível superior. Na observação participante, o autor coletou 200 dados distribuídos 100 em dois grupos, na faixa etária entre 14 e 29 anos de idade.

A conclusão a que autor alega é que, o fenômeno varia a depender do grau de instrução do informante, isto é, quanto maior for o grau de escolarização do falante é menor a expectativa de se encontrar a dupla negação. No que diz respeito à observação participante, foram identificadas 38 produções da dupla negação, o que corresponde a 19%. Entretanto, entre os dois grupos de falantes divididos em grau de instrução, o 1º grupo, com nível superior, apresenta 22 dados de dupla negação, o que corresponde a 22% em relação ao 2º grupo, sem nível superior, que apresentou 16 dados de dupla negação, equivalente a 16%. Dentre as 168 entrevistas consideradas no trabalho, para o 1º grupo, houve 79 manifestações linguísticas de negação e, para o segundo grupo, houve 89 ocorrências. Dessas, foram 19 ocorrências de dupla negação: no 1º grupo, 4 ocorrências, o que equivale à 5% e, no 2º grupo, foi verificada 15, que equivale a 17%.

Serra (2018) realizou um trabalho das percepções avaliativas sobre a dupla negação no português falado no Maranhão sob viés da sociolinguística variacionista em duas localidades: São Luís (urbana) e Jamari dos Pretos (rural), com o propósito de observar nas duas comunidades as influências de aspetos sociais e discursivos que interferem no uso da dupla negação nos falantes maranhenses.

O trabalho contou com 24 informantes, 16 de São Luís e 8 de Jamari, e a autora controlou os seguintes grupos de fatores: grau de escolaridade (fundamental e superior) e faixa etária (20 a 40 anos e mais de 55). Em 1.159 ocorrências, a negativa pré-verbal teve 1009 ocorrências (87%), a dupla negação apresentou 133 ocorrências (11,5%) e a negação pós-verbal teve 17 ocorrências (1,5%). Portanto, a pesquisa aponta que a dupla negação é a segunda estrutura mais frequente na fala dessas comunidades. Os resultados mostram que, nas duas localidades, a dupla negação é a segunda estrutura mais usada tanto em São Luís (com 19%) quanto em Jamari (13%).

Santos; Araújo e Pereira (2018) desenvolveram uma pesquisa sociolinguística variacionista sobre as estruturas das variantes inovadoras (dupla negação e pós-verbal) no falar de Fortaleza, a partir de dados no NORPOFOR (Norma Oral do Português Popular de Fortaleza). As autoras consideraram inquéritos do tipo D2 (diálogo entre dois informantes) como forma de encontrar um comportamento linguístico mais espontâneo nos informantes, já que essa entrevista é um diálogo entre as pessoas com grau de parentesco ou amizade. Foram considerados os seguintes grupos de fatores: sexo (masculino e feminino); escolaridade (0 a 4 ano, 5 a 8 ano e 9 a 11 ano) e faixa etária (15 a 25 anos, e 26 a 49 anos e a partir de 50 anos). Quanto às variáveis linguísticas, foram selecionadas as seguintes: tipo de oração; estrutura do verbo; tipo de verbo; tempo verbal; tipo de sujeito; tipo de frase e outros termos negativos (nada, nem, ninguém, nenhum, nunca).

Das 725 ocorrências do fenômeno estudado, a negação pós-verbal apresentou 29,4% (213/725) e a dupla negação apresentou 70,6% (512/725). A negação pós-verbal mostrou-se estatisticamente condicionada pelos seguintes grupos de fatores linguísticos, para os quais, apresentamos os pesos relativos informados pelas autoras: a) tipo de sujeito: inexistente (0.65) implícito (0.61) e explícito (0.41); b) tipo de oração: subordinada (0.59) coordenada (0.55) e absoluta (0.40); c) presença/ausência de outros termos negativos: presença (0.70) e ausência (0.48); d) tipo de frase: resposta (0.73), pergunta (0.60) e encadeamento do discurso (0.48) e) estrutura do verbo: simples (0.51) e perífrase verbal (0.35). Em relação aos fatores extralinguísticos, a negação pós-verbal é condicionada pelos seguintes grupos de fatores: a) sexo: os homens são favorecedores em relação as mulheres, peso relativo 0.57 e 0.44, respectivamente; b) escolaridade: 9 a 11 anos (0.58), 5 a 8 anos (0.48) e 0 a 4 anos (0.41).

Santos (2016) também pesquisou as negativas sentenciais no falar popular de Fortaleza/CE, sob a perspectiva variacionista, em dados do NORPOFOR, considerando as três possibilidades (a negação pré-verbal, a dupla negação e a pós-verbal), a partir de fatores linguísticos (tipo de oração, tipo de verbo, outros termos negativos, tipo de sujeito, tipo de frase, estrutura do verbo e tempo verbal) e extralinguísticos (sexo, faixa etária e a escolaridade). Em um total de 2.350 ocorrências, 1.625 ocorrências foram de negação pré-verbal, equivalendo à 69,8%; 512 ocorrências para a dupla negação, o que equivale a um total de 21,8% e 213 ocorrências de negação pós-verbal, que corresponde a 9,1%. Isso implica que a comunidade analisada se mostrou conservadora no que tange ao uso desse fenômeno.

A autora também comparou o comportamento das duas variantes que apresentaram o maior número de ocorrências, a negação pré-verbal e a dupla negação, o que totalizaram 2.137 ocorrências, das quais 24% para a dupla negação em relação 76% da pré-verbal. Após

submeter os dados ao programa Goldvarb X, obteve os seguintes resultados de peso relativo favorecendo a dupla negação: oração absoluta (0.58), mulheres (0.54), verbo de ação/movimento/processo/evento (0.55), ausência de outros termos negativos (0.50) e frases do tipo pergunta (0.57).

Com base nos trabalhos destes autores e com base nos fatores controlados por eles, seguiremos o mesmo percurso e controlaremos os fatores que se mostraram mais relevantes, com o objetivo de verificar o comportamento linguísticos dos guineenses, partindo da hipótese de que esses informantes usam com mais frequência a negação pré-verbal, por ser a negação canônica e mais conservadora, já que se trata de falantes que têm o português como língua adicional, ou seja, a língua portuguesa não é a língua materna destes falantes.

METODOLOGIA

A amostra analisada neste trabalho foi retirada do *corpus* constituído pelo Grupo de Pesquisa, Variação e Processamento da Fala e do Discurso: Análises e Aplicações (PROFALA), da Universidade Federal de Ceará (UFC), coordenado pelas professoras Maria Elias Soares e Maria do Socorro Silva de Aragão. O grupo foi criado com o propósito de implementar pesquisas que visem à descrição da língua portuguesa em diferentes perspectivas, levando em conta a utilização de *corpora* existentes na UFC, que sirvam para a análise das variações fonéticas, léxicas, morfossintáticas, semânticas e discursivas. Também serve de subsídio para os pesquisadores de diferentes áreas que pretendam realizar um trabalho histórico-comparativo no que tange à língua portuguesa.

O grupo de pesquisa PROFALA segue os pressupostos da Sociolinguística Variacionista laboviana, de modo que a coleta de dados de fala é baseada no seu modelo teórico para coletar dados vernáculo, isto é, de acordo com Labov (2008 [1972], p. 244) o "estilo em que se presta o

mínimo atenção ao monitoramento da fala”. Conforme Labov (2008 [1972], p. 102) “este é o tipo de fala que normalmente ocorre quando a pessoa está respondendo a perguntas que são formalmente reconhecidas como “parte da entrevista”. Ainda Labov (2008[1972], p. 244) ressalta que “a observação do vernáculo nos oferece os dados mais sistemáticos para a análise da estrutura linguística”.

Entre várias amostras que compõem o PROFALA (Brasil, Angola, Cabo-Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, S. Tomé e Príncipe e Timor Leste), selecionamos 20 informantes da Guiné Bissau, estratificados em sexo (masculino e feminino), tempo de permanência no Brasil (até 6 meses no Brasil e mais de 6 meses). Inicialmente, para realizarmos o levantamento de dados do presente trabalho, lemos as transcrições e ao mesmo tempo ouvimos a audição, visto que é mais viável para conferir se as transcrições e audição estavam de acordo, já que é possível que ocorra um equívoco na transcrição das palavras, para não prejudicar a nossa análise. Após o processo de audição e correção de transcrições, seguimos com a seleção de dados e a definição do envelope de variação.

Nosso envelope de variação constitui-se de dois tipos de estruturas negativas, a conservadora e a inovadora². Como podemos observar nas seguintes sentenças a seguir, a negação pré-verbal consiste em ter o operador de negação anterior ao verbo:

(1) Negação Pré-verbal: eu ***não conheço*** todas as regiões ainda no Brasil [...] (PROFALA, H, 6)³

A dupla negação se apresenta como variante inovadora com dois operadores de negação na sentença: um anterior e outro posterior ao verbo:

² Não encontramos ocorrências da negação pós-verbal nos dados de fala de informantes guineenses no PROFALA.

³ Empregamos a seguinte notação, nos exemplos, para os dados do PROFALA: H – informante homem, M – informante mulher, 6 – tempo de permanência no Brasil de até seis meses, +6 – tempo de permanência no Brasil superior a 6 meses.

(2) Dupla negação: [...] língua portuguesa *não é fácil não*
(PROFALA, H, 6)

O fenômeno em variação no português guineense foi avaliado mediante o controle estatístico da influência dos seguintes grupos de fatores: **Variáveis linguísticas:** **a) tipos de oração** (absolutas, coordenadas, subordinadas e principais); **b) estrutura do verbo** (simples e perífrase verbal); **c) tipo de verbo** (verbos dinamicidade e verbos de estado); **d) tempo verbal** (presente, passado e futuro); **e) tipo de sujeito** (explícito, implícito e inexistente). **Variáveis extralinguísticas:** **a) sexo** (masculino e feminino); **b) permanência no país** (até 6 meses no Brasil e mais de 6 meses). Após a definição dessas variáveis, seguimos com a codificação dos fatores e tratamento estatístico no programa Goldvarb X, que é uma das ferramentas que oferece resultados percentuais e dados estatísticos em unidades chamadas pesos relativos, a respeito do condicionamento dos fatores, de modo que são fundamentais para a compreensão do fenômeno analisado.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Após a submissão dos dados ao programa estatístico Goldvarb X, encontramos 198 ocorrências de negação, sendo 173 (equivalente a 87,4%) de negativas pré-verbais e 25 (correspondente a 12,6%) de dupla negação, como podemos observar no quadro 1:

Quadro1: Total das ocorrências.

Variantes	Ocorrências/percentual
Negação pré-verbal	173/87,4%
Dupla Negação	25/12,6%
Total/percentual	198/100%

Fonte: o autor.

Os resultados obtidos neste trabalho, no que tange à distribuição percentual das variantes no *corpus*, são semelhantes aos resultados

encontrados por Serra (2018), cujos resultados foram 1009 ocorrências da negação pré-verbal e 133 ocorrências de dupla negação, equivalente aos percentuais de 87% e 11,5%, respectivamente. A quantidade total de cada variante em particular é diferente, mas se pode afirmar que as variantes apresentam a mesma tendência de uso.

Nas rodadas estatísticas, foram controlados 7 grupos de fatores, para se verificar o comportamento variável das duas variantes investigadas, a negação pré-verbal e a dupla negação, a partir dos quais apresentaremos os resultados, nesta ordem: tipo de oração, estrutura do verbo, valor sintático semântico do verbo, tempo verbal, tipo de sujeito, sexo e permanência no país. Levamos em consideração esses grupos de fatores por serem os que mais foram controlados nas pesquisas variacionistas a que tivemos acesso, como por exemplo, na de Santos; Araújo e Pereira (2018), com exceção de permanência do informante no país.

a) tipo de oração

O grupo de fatores tipo de oração foi controlado por ter sido abordado em muitos trabalhos sociolinguísticos. A nossa hipótese era a de que a oração absoluta favoreceria o uso da negação pré-verbal, pelo fato de esta funcionar em resposta direta a uma pergunta.

Tabela 1 - Influência do tipo de oração na variação das estratégias de negação verbal no português guineense.

Tipo de oração	Negação pré-verbal	Dupla Negação	Total/Percentual
Variantes	Ocorrências/percentual	Ocorrências/percentual	
Coordenadas	68/86,1%	11/13,9%	79/39%
Subordinadas	64/90,1%	7/9,9%	71/35,9%
Absolutas/Principais	41/85,4%	7/14,6%	48/24,2%

Fonte: o autor.

Esta variável linguística comportava quatro fatores, coordenadas, subordinadas, absolutas e principais, mas amalgamamos oração absoluta e principal, já que a oração principal não apresentou nenhum dado para a dupla negação, o que impediria a rodada estatística. Conforme a tabela 1,

a negação pré-verbal apresentou-se um percentual de uso de 86,1% associado a oração coordenadas; 90,1% em orações subordinadas; 85,4% em orações absolutas . Esses dados mostram que a negação pré-verbal é a estratégia de negação preferida pelos guineenses, em todos os contextos, ou seja, é a variante padrão ensinada na escola. O que pode estar relacionado ao fato de estes falantes não estarem habituados a usarem as negativas dupla e pós-verbais, por não serem falantes nativos da língua portuguesa.

Observemos algumas ocorrências presentes na nossa amostra de sentenças com as negativas verbais no português guineense, com as orações coordenadas, subordinadas e absolutas respectivamente:

(3) eles gostam mas não é falado frequentemente
(PROFALA,H,6)

(4) Só que não tem hábito de falar português (PROFALA,H,+6)

(5) não falo não (PROFALA,H,6)

b) estrutura verbal

O segundo grupo de fatores controlados neste estudo foi a estrutura verbal. Vejamos os resultados na tabela 2.

Tabela 2 - Influência da estrutura verbal tipo na variação das estratégias de negação verbal no português guineense.

Estrutura verbal Variantes	Negação pré-verbal Ocorrências/percentual	Dupla Negação Ocorrências/percentual	Total/Percentual
Simples	151/86,8%	23/13,2%	174/87,9%
Perifrástica	22/91,7%	2/8,3%	24/12,1%

Fonte: o autor.

Como se pode perceber, na tabela acima, a estrutura simples é mais favorável ao uso da negação verbal, com 86,8% e 13,2%, para a negação pré-verbal e a dupla negação respectivamente. Já a perifrástica apresenta um percentuais de 91,7% e 8,3% para ambas variantes. A estrutura simples é a mais elementar, a mais frequente, a mais usada, ou seja, a estrutura não marcada, conforme Givón (2012). A frequência total

de ocorrências em estrutura simples é 87,9% em detrimento a 12,1% de estrutura perifrástica. Considerando os dados desta tabela, verificamos que a nossa hipótese não se realizou, por acreditávamos que a estrutura simples favoreceria a variante pré-verbal, por ser a variante preferida pelo falantes guineenses. Ressaltando que a maioria das estruturas negativas conservadoras apresentam somente um verbo. A seguir, apresentamos exemplos que ilustram os dois tipos de estrutura verbal, a simples e a perifrástica:

(6) não cheguei não mas assim só na forma de girias (PROFALA,H,+6)

(7) não vou dizer (PROFALA,H, 6)

c) valor sintático-semântico do verbo

O grupo de fatores valor sintático-semântico do verbo pretende verificar a frequência da negação diante da ocorrência de verbos dinâmicos e estativos. Os dados são apresentados na tabela a seguir.

Tabela 3 - Influência do valor sintático-semântico do verbo na variação das estratégias de negação verbal no português guineense.

Valor sintático-semântico Variantes	Negação pré-verbal Ocorrências/percentual	Dupla Negação Ocorrências/percentual	Total/Perc entual
Verbos dinâmicos	39/88,6%	5/11,4%	44/22,2%
Verbos estativos	134/87%	20/13%	154/77,8%

Fonte: o autor.

Conforme os dados da tabela 3, com verbos dinâmicos, a negação pré-verbal tem frequência 88,6% em detrimento a 11,4% para a dupla negação. Esses tipos de verbos correspondem a 22,2% da frequência total. Esses valores são muito semelhantes ao que ocorre com verbos estativos, cuja frequência para negação pré-verbal é de 87% e 13% para a dupla negação. De acordo com os dados apresentados na tabela acima, verificamos que há uma relevância maior do verbo estativo em termo das ocorrências tanto pela variante pré-verbal quanto a dupla negação, e no que se refere também a frequência total apresentada.

Santos (2016) analisou esses fatores na sua pesquisa, e, no final obteve os seguintes resultados favorecendo a dupla negação: 13,6% e 10,3% o que corresponde aos verbos dinâmicos e estativos. Essa escolha surgiu por acreditávamos que os verbos dinâmicos favoreceriam o uso de negação verbal, especificamente a dupla negação, visto que o verbo dinâmico o falante sempre é um agente que realiza as ações e por conseguinte quer deixar a negação dessa ação de forma clara, sempre utiliza a segunda partícula negativa na sentença para reforçar a primeira. Mas ao contrário da nossa hipótese, o verbo dinâmico não favoreceu a dupla negação.

Os seguintes exemplos mostram algumas ocorrências do valor sintático-semântico dos verbos dinâmicos e estativos na sentença da negação verbal no português guineense:

(8) [...] **não sei mas agora começa a andar** um pouco [...] (PROFALA, M,6)

(9) muita gente **não preocupa** tanto (PROFALA,H,6)

d) o tempo verbal

Este grupo comportava três fatores, presente, futuro e o passado, mas desconsideramos os dados referentes ao fator passado, porque não houve ocorrências de dupla negação associada a esse fator e seria inadequado amalgamar os dados deste fator com outro fator. Este foi o único grupo selecionado como estatisticamente relevante pelo GolvarbX. Vejamos os dados da tabela 04.

Tabela 4 - Influência do tempo verbal na variação das estratégias de negação verbal no português guineense.

Tempo verbal Variante	Negação pré-verbal Ocor./Perc./Peso Rel.	Dupla Negação Ocor./Perc./Peso Rel.	Total/Perc.
Presente	153/88,4%/ 0.527	20/11,6%/ 0,473	173/92,5%
Futuro	9/64,3%/0.208	5/35,7%/0.792	14 /7,5%

Fonte: o autor.

Como se pode perceber, na tabela 4, a negação pré-verbal apresentou-se frequência de 88,4% associada a verbos no presente, e 64,3% a verbos no futuro; a dupla negação obteve 11,6% e 35,7% respectivamente. Embora os dados de tempo futuro tenham menor frequência da variante, esse fator favorece a dupla negação, cujo peso relativo foi de 0.792, tendo-se mantido praticamente o mesmo quando se considera a variação com verbos no presente, respectivamente, 0.527 e 0.473. Abaixo, apresentamos exemplos para esse grupo de fatores.

(10) [...] mais aqui em redenção **não percebo** muito bem (PROFALA,M,6)

(11) [...]mas eu no caso com pessoas da minha etnia **eu vou falar quem não é da minha etnia não vai entender não** (PROFALA,H+6)

e) tipo de sujeito

O quinto e o último grupo de fatores linguísticos controlados em nossa pesquisa foi o tipo de sujeito. Esta variável é composta por três fatores: sujeito explícito, sujeito implícito e orações sem sujeito.

Tabela 5 - Influência do tipo de sujeito na variação das estratégias de negação verbal no português guineense.

Tipo de Sujeito	Negação pré-verbal Ocorrências/perc.	Dupla Negação Ocorrências/perc.	Total/Perc.
Variantes			
Explícito	26/96,3%	1/3,7%	27/13,6%
Implícito	129/85,4%	22/14,6%	151/76,3%
Sem sujeito	18/90%	2/10%	20/10,1%

Fonte: o autor.

Os dados da tabela acima demonstram que há uma maior frequência de uso da negação pré-verbal associada a orações com o sujeito explícito, com percentual de 96,3% em detrimento a 3,7% para a dupla negação. Considerando-se orações com sujeito implícito, o uso da negação pré-verbal tem frequência de 85,4% e a dupla negação tem 14,6%, num total de 76,3% para este fator. Já no que tange a orações

sem sujeito, embora com menor quantidade de dados, houve um percentual de 90% para a variante pré-verbal e 10% em dupla negação.

Conforme vemos na tabela 5, os dados comprovam que é mais viável que os falantes guineenses preencham o sujeito, quer de forma explícita quer recuperável pelo contexto (implícito) nas suas falas, favorecendo, em termos de frequência, a negação pré-verbal. A variante pré-verbal é a estratégia não marcada no português guineense. Entretanto, controlamos estes fatores por serem analisados nos trabalhos de Santos; Araújo e Pereira (2018). Em nossa hipótese, acreditávamos que o sujeito explícito apresentaria maior frequência nas sentenças com as negativas duplas pelo fato de o falante, além de preencher com o segundo não na sentença, preencheria também o sujeito para enfatizar a negação.

Vejamos algumas ocorrências que mostram estruturas do tipos de sujeito quanto à explícito, implícito e inexistente:

(12) [...] **nós não entende** só os mais velhos é que entendem o crioulo dele [...] (PROFALA,H,6)

(13) a lingua portuguesa tem grande importancia e uma importancia que **não posso descrever** [...] (PROFALA,H,6)

(14) **não havia placa de sinalização** mas agora tem semaforo (PROFALA,M,6)

f) sexo do informante

Por ser uma variável clássica nos estudos variacionistas, controlamos, também, nesta pesquisa o sexo do informante. A hipótese esperada é que a variante inovadora seja mais frequente em dados de fala de informantes masculinos, já que há uma tendência de as mulheres apresentarem uma maior frequência das variantes conservadoras. Vejamos os dados tabela 6.

Tabela 6 - Influência do sexo do informante na variação das estratégias de negação verbal no português guineense.

Sexo	Negação pré-verbal Ocorrências/percentual	Dupla Negação Ocorrências/percentual	Total/Percentual
Masculino	86/90,5%	9/9,5%	95/48%
Feminino	87/84,5%	16/15,5%	103/52%

Fonte: o autor.

Os dados indicam maior frequência de uso da negação pré-verbal por falantes do sexo masculino, cujo percentual foi 90,5% em relação a 84,5% por falantes do sexo feminino. Contudo, os dados de fala de informantes femininos concentraram o maior percentual de uso de ambas variantes, com percentual total de 52%, em detrimento ao 48% por falantes do sexo masculino. Com base nos dados da tabela 6, verificamos que o sexo feminino é responsável pelo uso mais corrente da variante inovadora, isto é, a dupla negação, o que refuta a nossa ideia inicial de que elas são mais conservadores que os homens em relação ao uso da língua. Essa hipótese deve ser relativizada em razão de os informantes terem o português como língua adicional.

Curiosamente, na pesquisa de Serra (2018), as mulheres apresentaram um percentual de 57% para a dupla negação, favorecendo a variante inovadora.

g) tempo de permanência no Brasil

Esse grupo de fatores comporta a dois fatores, informantes até seis meses no Brasil e mais de seis meses no Brasil, com a pretensão de avaliar a influência linguística decorrente do contato com falantes nativos brasileiros sobre o uso de uma e outra variante. Vejamos os dados da tabela 7.

Tabela 7 - Influência do tempo de permanência do informante no país na variação das estratégias de negação verbal no português guineense.

Tempo de permanência no país	Negação pré-verbal Ocorrências/perc.	Dupla Negação Ocorrências/perc.	Total/Perc.
Até 6 meses no Brasil	107/88,4%	14/11,6%	121/61,1%

Mais de 6 meses no Brasil	66/85,7%	11/14,3%	77/38,9%
----------------------------------	----------	----------	----------

Fonte: o autor.

Os dados da tabela 7 revelam uma leve tendência de aumento do percentual de uso da dupla negação entre os informantes com mais de seis meses no Brasil, ainda que a negação pré-verbal continue a ser a estratégia preferida pelos guineenses, acentuando o percentual dessa estratégia entre aqueles que estão a menos tempo no Brasil. Os dados dessa tabela apontam que a negação pré-verbal teve frequência de 88,4% em relação a 11,6% da dupla negação, para os informantes que estão até seis meses no Brasil. Para os informantes com mais de seis meses no Brasil, a negação pré-verbal teve percentual de 85,7% e a dupla negação apresentou 14,3%.

Desse modo, verificamos que quanto maior o tempo de permanência do informante no país há uma tendência de maior uso da dupla negação, ou seja, o tempo influencia linguisticamente na escolha de uma e outra variante por esses informantes.

h) cruzamento entre os grupos de fatores sociais: sexo e tempo de permanência no Brasil

Com o intuito de melhor compreender os condicionamentos sociais do uso de uma ou de outra estratégia de negação verbal no português guineense, procedemos ao cruzamento dos grupos de fatores, sexo e a permanência do informante no Brasil. Os resultados são apresentados na tabela 8, a seguir.

Tabela 8 - Cruzamento dos grupos de fatores sexo x tempo de permanência no Brasil.

Tempo de Permanência no Brasil	Sexo	Variantes	
		Negação verbal	Dupla negação
Até 6 meses no Brasil	Masculino	67/93%	5/7%
	Feminino	40/82%	9/18%
Mais de 6 meses no Brasil	Masculino	19/83%	4/17%
	Feminino	47/87%	7/13%

Fonte: o autor.

O cruzamentos desses dois grupos de fatores revelam que: a) entre os informantes do sexo masculino, houve uma queda no percentual de uso da negação pré-verbal (de 93% para 83%), conforme o tempo de permanência no Brasil, em oposição ao aumento da frequência de uso da dupla negação (7% para 17%); b) entre os informantes do sexo feminino, houve um leve aumento do percentual de uso da negação pré-verbal (de 82% para 87%) e uma leve queda no percentual de uso da dupla negação (18% para 13%), conforme aumente o tempo de permanência no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho investigou a variação entre estratégias de negação das sentenças verbais no português guineense, considerando-se duas variantes: a negação pré-verbal, considerada canônica e conservadora e dupla negação, considerada inovadora. Os resultados foram comparados a alguns trabalhos acerca da negação no português brasileiro e descobrimos que, embora o português da Guiné-Bissau seja língua adicional, o comportamento linguístico apresentou tendências semelhantes ao que ocorre com o português brasileiro.

Houve 173 ocorrências da negação pré-verbal, o que corresponde a 87,4% dos dados e 25 ocorrências da dupla negação, o que equivale a 12,6%. A negação pré-verbal apresentou-se como mais frequente na presença dos seguintes fatores: orações subordinadas, construções perifrásticas, verbos dinâmicos e sujeito explícito. Já a dupla negação mostrou-se mais frequente quando associada aos seguintes fatores: tempo futuro, sexo feminino e permanência do informante no país por mais de seis meses.

Os resultados obtidos no final deste trabalho mostram que, aparentemente, os informantes do sexo feminino usam com mais frequência a dupla negação. Contudo, ao comparamos esse fator com o

tempo de permanência no Brasil, percebemos que, quanto maior o tempo de permanência no Brasil, menor o percentual de uso da dupla negação por mulheres e maior a frequência de uso por homens.

Com esse trabalho buscamos contribuir com as discussões acerca das estratégias de negação da sentença em português, refletindo sobre os usos que dela fazem os guineenses. Esse estudo não teve a pretensão de ser exaustivo e poderá ser desenvolvido e aprofundado em futuras pesquisas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALKMIN, Tânia. Sociolinguística – parte I. In.: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina (orgs.) **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**.7.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

ARAGÃO, Maria do Socorro Silva; SOARES, Maria Elias. **Profala. Variação e Processamento da Fala e do Discurso: Análises e Aplicações**. Disponível em <http://www.profala.ufc.br/index.html>. Acesso em 02 de outubro de 2018.

CAMACHO, Gomes Roberto – parte II. In.: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina (orgs.) **Introdução à Linguística: domínios e fronteiras**.7.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

FLORES, Julield Ferrine. **A dupla negativa do português falado no Distrito Federal**. 2011. 51F. Monografia (Trabalho de conclusão de curso para obtenção de título de graduação em letras-lingua portuguesa) - Universidade de Brasília, Brasília.

GIVÓN, Talmy. **A compreensão da gramática**. Tradução: Maria A. F da Cunha. São Paulo: Cortez, 2012.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola,2008.

MOREIRA, Júlio César Lima. **Sociolinguística Variacionista e Estruturalismo Linguístico: Um Diálogo**. **Revista SOMMA**, v. 1, n. 1, p. 182-200, 2015.

NEVES, Maria Helena de Moura. **Gramática de usos do português**. 2.ed. São Paulo: UNESP, 2011.

REIMANN, Cristiana Aparecida; YACOVENCO, Lilian Coutinho. A dupla negação no português falado em Vitória/ES: traço da identidade linguística

capixaba? In: **Anais do Congresso Nacional de Estudos Linguísticos-CONEL**. 2011.

ROCHA, Rafael Stoppa. **A negação dupla no português paulistano**. 2013. 97F. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de São Paulo, São Paulo.

RUBIO, C. F. **Padrões de concordância verbal e de alternância pronominal no português brasileiro e no português europeu: estudo sociolinguístico comparativo**. São Paulo: cultura acadêmica, 2012.

SANTOS, Jéssica Coêlho Franklin dos; ARAÚJO, Aluiza Alves de; PEREIRA, Maria Lidiane de Sousa. As negativas pós-verbais e as negativas duplas no falar de Fortaleza-CE: uma filosofia sociolinguística. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 7. n. 1. JAN-JUN, 2018, p. 288-307.

SERRA, Flávia Pereira et al. **“Eu não digo ‘não’ duas vezes não”**: Usos e percepções avaliativas sobre a dupla negação no português falado no Maranhão. 2018. 190F. Dissertação (Mestrado em Linguística)-Universidade Federal de Maranhão, São Luís.

SANTANA, Jan Carlos Dias de; NASCIMENTO, Priscila Brasileiro Silva do. A negação no português falado da Matinha/BA: um estudo sociolinguístico. **Letra Magna, Revista de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Linguística e Literatura**, v. 14, p. 1-17, 2011.

SANTOS, Jéssica Coêlho Franklin. **Não quero não! As negativas sentenciais no falar popular de Fortaleza/CE na perspectiva variacionista**. 2016. 121F. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Universidade Estadual de Ceará, Fortaleza.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolinguística**. 7.ed. São Paulo: Ática, 2005.